

UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISAS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES JUVENIS EM CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO

Janaina Guiguer da **Silva** – UNIVILLE

Jean **Prette** – UNIVILLE

Resumo

Esse pôster é o registro do diálogo entre duas pesquisas distintas, ambas em andamento, vinculadas ao grupo de pesquisa Subjetividades e (auto) biografias e interessadas na captura de subjetividades juvenis em currículos do Ensino Médio. O objetivo do diálogo é ampliar as possibilidades de análises no grupo ao explicitar as diferenças entre dois currículos e duas culturas escolares distintas em cada pesquisa e perceber que ambos são tributários de uma história semelhante – um Ensino médio marcado pela tensão entre o ensino propedêutico e o ensino profissionalizante e a crença em uma qualidade no setor privado em detrimento da rede pública de ensino. Esse diálogo, balizado pela Análise do Discurso, AD, tem levantado perguntas de análises nas duas pesquisas: em que medida esses discursos, construídos historicamente nos currículos, mobilizam subjetividades juvenis em construção?

Palavras-chave: Políticas de Currículo; processos de subjetivação; juventudes; discursos.

UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISAS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES JUVENIS EM CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO

Introdução do tema e escolhas epistemológicas

Duas pesquisas distintas e em diálogo, com a finalidade de ampliar as possibilidades de análises de ambas e do grupo de pesquisa Subjetividades e (auto) biografia. A primeira “Os processos de subjetivação dos jovens no interior do currículo do Ensino Médio Inovador da E.E.B. Prof^a. Jandira D’Avila”, em Joinville, SC, procura a partir da busca etnográfica perceber como as subjetividades juvenis são mobilizadas durante as atividades de cultura e esporte oferecidas por esse currículo. E, a segunda “Autobiografia e Processos de subjetivação de Jovens inseridos na Proposta Curricular do Colégio Marista São Luís”, em Jaraguá do Sul, SC, ouve os jovens

sobre os seus “eus” construídos e atravessados pelo currículo escolar. Cada uma com uma cultura escolar específica, atendendo públicos distintos, com metodologias de pesquisas diferentes, mas ambas, com uma intersecção, qual seja, analisar as subjetividades juvenis construídas nos discursos dos currículos escolares.

A partir desse ponto de convergência, o diálogo tem sido balizado no grupo pelo referencial teórico da Análise do Discurso, AD, possibilitando pensar que aquilo que os jovens mostram como seu “eu”, ou as construções de “identidades de sujeitos” que acontecem nas escolas, são atravessadas pelos discursos imbricados no processo de formação escolar, no caso específico dessa pesquisa, nos currículos do Ensino Médio. Como sugere o linguista Pedro de Souza (2003) que:

Historicamente, não há esse dia em que um indivíduo lança seu grito de independência e proclama: de hoje em diante serei eu mesmo; simplesmente porque esse eu mesmo não existe, a não ser como modalidade histórica de fabricação que pode dar conta de definir, não o que é, mas como se constitui o si mesmo.

Assumindo a renúncia de um sujeito essencializado e previamente entendido, essas duas pesquisas procuram compreender a constituição desse “si mesmo” jovem, sujeito que se faz a partir dos discursos curriculares historicamente construídos. Quem são os jovens dessas duas escolas, como são entendidos pelos seus professores, pais, responsáveis e políticas públicas não é uma revelação essencial de indivíduos jovens, mas como eles vão se constituindo a partir dos sentidos que lhe oferecem os discursos que os contornam. Vale registrar que estamos entendendo por AD um campo teórico interdisciplinar que permite a análise a partir da tríade sujeito, língua e história. Segundo a analista do discurso Eni Orlandi, a AD pode ser considerada como “[...] um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo” (ORLANDI, 2011, p. 12).

Sendo assim, o currículo vai ter um efeito particular em cada um desses jovens dentro de suas relações sociais, pessoais e profissionais. Embora particular, esses efeitos são também políticos e, portanto, de interesses coletivos no campo da pesquisa. Por currículo estamos operando com autores como Alice Casemiro Lopes (2011 e 2012), Elizabeth Macedo (2006 e 2009) e ainda os escritos de Carmen Teresa Gabriel (2011 e 2013) que nos empresta palavras sobre o currículo:

Pensá-lo [...] como um sistema discursivo e como terreno

onde se travam lutas identitárias. Isso significa compreender o currículo [...] como um sistema demarcado no campo ilimitado da discursividade onde são fixados, em permanência, limites entre múltiplos *nós*, que como tais, produzem múltiplos *outros* por meio das lógicas da equivalência e da diferença [...]. (GABRIEL, 2011, p. 129)

A partir da introdução das questões desse diálogo e das nossas escolhas teóricas, esse registro está assim organizado: em um primeiro momento apresentamos uma pequena história do Ensino Médio no Brasil. Em um segundo momento, apresentamos dados da escola da primeira pesquisa, com o currículo pensado para o Ensino Médio Inovador, e dados da escola da segunda pesquisa, com um currículo pensado para o Ensino Médio de uma escola confessional católica. Finalmente, a partir desses dados esse diálogo levanta apontamentos para as análises futuras de ambas as pesquisas.

Um pouco de História do Ensino Médio no Brasil

Embora sejam grupos de jovens distintos e subjetividades em discursos curriculares distintos, todos são atravessados por uma história da educação brasileira semelhante: um Ensino Médio marcado pela tensão entre o ensino propedêutico e o ensino profissionalizante, e a crença em uma qualidade no setor privado em detrimento da rede pública de ensino. Não é mais novidade que a política para o Ensino Médio, atualmente vem carregada de um discurso de urgência pela flexibilização do currículo, como forma de atender às diferentes clientelas, assim, ao que parece, os jovens da escola pública ou escola privada, estariam sendo entendidos como “protagonistas” e por isso participante nessa política juvenil coletiva.

Mas nem sempre as políticas curriculares tiveram esse sentido. Desde a Primeira República, o elitismo agrário deixou a educação a serviço dos filhos dos grandes latifundiários do país. A despeito desse período, podemos vincular a Igreja, que se instalou desde o período colonial ao Estado (mesmo oficialmente separadas) disputando a educação, de modo paralelo. Ambas contribuíram para uma pedagogia excludente, pautada na dominação da cultura europeia ocidental.

Quando Getúlio Vargas assumiu o Governo na década de 1930, foi criado o

Ministério da Educação e Saúde. O Período chamado Estado Novo trouxe em sua conjuntura política uma maior complexidade da sociedade frente às questões educacionais com o intuito de capacitar para o trabalho.

Responsável pelo Ministério de 1934 a 1945, Gustavo Capanema formalizou uma série de projetos reformadores do ensino no país, negociando com lideranças católicas. Segundo Bomeny (2001, p. 49), “a intervenção (da igreja) não se restringia a um determinado ramo do ensino, mas a todo o projeto, afetando, inclusive, a reforma universitária, a nomeação dos dirigentes de secretarias de educação”.

Frente ao diálogo proposto entre o público e o privado, cabe destacar a grande consequência desse acordo político, pois a igreja, que era muito resistente, passou a aceitar a presença mais significativa do Estado na Educação.

Com a virada do milênio, as discussões do Plano Nacional de Educação, definiram como uma das metas a ser atingida até 2011, o melhor aproveitamento dos alunos do Ensino Médio, de forma que atinjam níveis satisfatórios de desempenho definidos e avaliados pelo Sistema Nacional de Educação Básica (SAEB), pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como também, pelos sistemas de avaliação implantados nos estados.

Essa breve história nos dá pistas sobre os sentidos discursivos que estão nos currículos das escolas em questão nessas duas pesquisas, e que podem disparar sentidos acionados nas subjetividades juvenis.

Duas culturas escolares distintas em diálogo

Ressalvando a pluralidade de enfoques, as características institucionais e a diversidade regional dos estados, o EMI, mais especificamente no município de Joinville, a E.E.B “Professora Jandira D’Ávila, tem como foco o diálogo entre os jovens e os seus interesses, preocupando-se com desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes.

Em outra realidade, mas com um intuito semelhante, a rede do grupo Marista apresenta como proposta educacional para os jovens uma formação baseada na cidadania e na solidariedade. Sendo assim, procura vivenciar e disseminar valores humanos na formação de cidadãos justos e solidários.

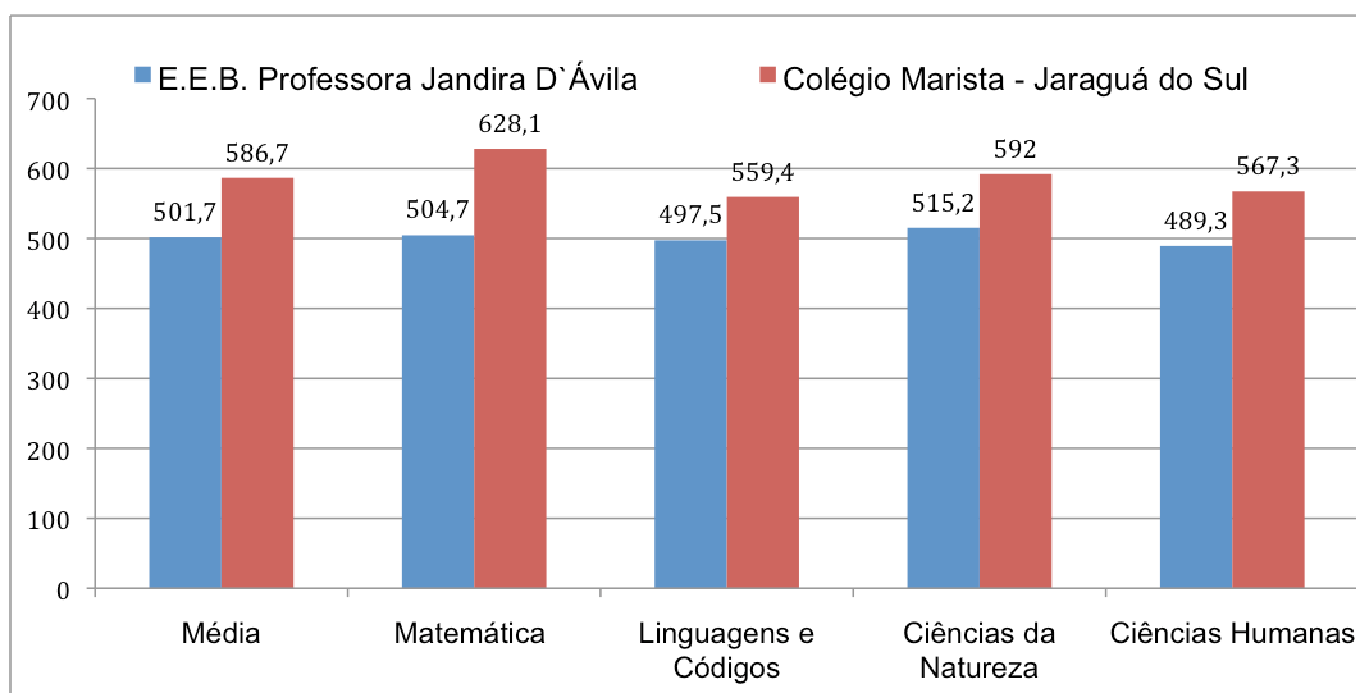
Com esse discurso de base sólida, o Colégio Marista São Luís, em Jaraguá do Sul, SC, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do aluno, seu preparo para o

exercício da cidadania, propiciando uma educação inspirada nos princípios de solidariedade e continuidade dos estudos.

Ambas as escolas convergem na formação integral do jovem, com participação ativa, pensante a crítica, que o levará ao mundo do trabalho e não somente ao exercício profissionalizante. Na atual conjuntura política onde as escolas estão focadas nas estatísticas governamentais, como por exemplo, a grande valoração que se dá as notas do ENEM, o currículo proposto pelo Ensino Médio Inovador e pelo colégio Marista, contemplam atividades integradoras de iniciação científica como também no campo artístico-cultural, valorizam a leitura em todos os campos do saber, vinculam o trabalho intelectual com atividades práticas experimentais; utilizam de novas tecnologias de comunicação; reconhecem a importância do estudo e das atividades socioambientais; desenvolvem práticas desportivas e de expressão corporal, referidas à saúde, à sociabilidade e à cooperação com o intuito de um processo de ensino aprendizagem diferenciado.

Frente a essa realidade histórica, estamos inseridos nesse contexto competitivo na educação, embora o foco das pesquisas não sejam as estatísticas propostas pelo ENEM, os jovens envolvidos nas duas pesquisas vivenciam esta realidade.

Apresentamos aqui os resultados obtidos no ano de 2013, das duas instituições apresentadas:



Buscamos sentidos para esses exames classificatórios, pois estes modelos de avaliação apresentam muitas dificuldades em revelar o “eu” dos nossos jovens. Haja vista, que para avaliá-los será necessário conhecê-los, dentro das perspectivas de nossas pesquisas em andamento, que através da Análise do discurso, AD, nos conduzirá a perceber a escola na expectativa do jovem. No entanto, essas reflexões nos apontam uma atenção em ambas pesquisas: a carga de representação construída ao longo da história do Ensino Médio nas escolas públicas ou privadas católica. A diferenciação significativa nos currículos podem afetar a formação desses jovens?

No decorrer de nossas pesquisas, EMI pela etnografia e no colégio Marista pela autobiografia dos jovens não buscaremos a verdade última de cada um, pois o sujeito, a priori, não tem natureza, nem mesmo essência, mas é produto de uma narrativa que constrói de si mesmo. E assim, através da intencionalidade do currículo, o assujeitamento é parte da subjetividade, pois, o que o jovem fará com o currículo é múltiplo. A partir da flexibilidade de nossos currículos, como as Oficinas de Esporte e Cultura do EMI e a da proposta pedagógica do Colégio Marista, temos a possibilidade de nos aproximar e então vermos, conhecermos e dialogarmos com nossos jovens.

E esse diferencial faz com que os jovens nesse processo de subjetivação inspirados na metáfora foucaultiana do pião (FOUCAULT, 2004), a qual nos faz pensar que o currículo seria como um arremesso, um impulso exterior, faça possível o encontro do seu “eu” no centro de si mesmo, no pêndulo entre o impulso e o que se faz com ele.

Referências Bibliográficas

BOMENY, Helena. **Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional.** *Estudos Históricos* - Os anos 20, Rio de Janeiro, v.6, no 11, p.24-39, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito.** Martins Fontes, São Paulo, 2004.

GABRIEL, Carmen Teresa. Currículos de História: Políticas da diferença. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n.1, jan./abr., 2011.

LOPES, Alice Casemiro; MATHEUS, Danielle dos Santos. O processo de significação da Política de Integração Curricular em Niterói, RJ. In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), maio/ago. 2011.

_____, Alice Casemiro. Democracia nas Políticas de Currículo. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.42, n.147, set./dez. 2012.

MACEDO, Elizabeth (2006b). **Currículo: política, cultura e poder.** *Currículo sem fronteiras*, 6(2), jul/dez., p. 33-52.

_____, Elizabeth (2009). **Como a diferença passa do centro à margem nos currículos: o caso dos PCN.** *Educação & Sociedade*, 106, p. 23-43.

MOEHLECKE, Sabrina. **O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações.** *Revista Brasileira de Educação* v. 17 n. 49 jan.-abr. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011.